

## Os equívocos dos promontórios Sacro(s) e Cúneo

Jorge de Alarcão  
Instituto de Arqueologia  
Universidade de Coimbra

### O cabo de Santa Maria terá sido chamado Cúneo?

O *promunturium Cuneus*, referido por Pompónio Mela, III, 1, 7 e Plínio, IV, 35, 116, tem sido identificado por muitos autores com o cabo de Santa Maria, junto a Faro. Mas justifica-se essa tranquila certeza, que não foi a de Leite de Vasconcelos (1905: 9-13) nem a de Schulten (1959: 339-341)? O promontório Cúneo não tem sido localizado em sítio errado?

Plínio, IV, 35, 116 escreveu:

*Oppida a Tago memorabilia in ora Olisipo equarum a fauonio uento concepto nobile, Salacia cognominata Vrbs Imperatoria, Merobrica, promunturium Sacrum et alterum Cuneus, oppida Ossonoba, Balsa, Myrtilis.*

Amílcar Guerra (1995: 35) traduziu:

“Para lá do Tejo, as mais notáveis cidades da costa são Olisipo, célebre pelas éguas que concebem do favónio, Salácia, cognominada *Urbs Imperatoria*, Meróbriga e, entre os promontórios Sacro e Cúneo, os ópidos de Ossónoba, Balsa e Mírtilis.”

Francisco de Oliveira (1997: 213) traduziu deste outro modo:

“A partir do Tejo, na costa, as cidades mais dignas de memória são Olisipo, célebre pela concepção de éguas pelo vento favónio, Salácia, cognominada Cidade Imperatória, Miróbriga; o Promontório Sagrado e um segundo, o Cúneo; os ópidos de Ossónoba, Balsa, Mírtilis.”

A tradução de Amílcar Guerra mantém, correctamente, o nome de Meróbriga, que era ópido diferente de Miróbriga. Com efeito, Ptolemeu, II, 5, 5 regista, entre os *Celtici* do Alentejo, *Mirobriga* e *Meribriga* ou *Merebriga* como duas cidades diferentes. Se *Mirobriga* corresponde às ruínas de Santiago de Cacém (ALMEIDA, 1964; BIRS, 1988), *Meribriga* ou *Merebriga* ficava, talvez, em Sines ou Vila Nova de Milfontes (esta última, no estuário do rio Mira). A *Meribriga* ou *Merebriga* de Ptolemeu seria a *Merobrica* de Plínio. Deve observar-se que as cidades referidas naquele passo de Plínio são litorais ou constituíam

portos fluviais de fácil acesso, como no caso de Salácia e Mirtillis. *Mirobriga* era uma cidade interior e seria incorrecto incluí-la entre os *oppida in ora*.

A tradução de Amílcar Guerra parece-nos, porém, menos correcta quando introduz um “entre” (os promontórios Sacro e Cúneo) que não figura nem se deve subentender no texto de Plínio. O que o Naturalista terá querido dizer é que havia dois promontórios, um chamado Sacro e outro denominado Cúneo e que, para além deste (isto é, para oriente), ficavam as cidades de *Ossonoba*, *Balsa* e *Myrtillis*.

Se o promontório Sacro ou Sagrado corresponde ao cabo de S. Vicente e se o Cúneo fosse o cabo de Santa Maria, como poderia Plínio ter situado, entre os dois, aquelas três cidades? *Ossonoba* ficaria no *Cuneus* e *Balsa* e *Myrtillis*, não entre o Sacro e o Cúneo, mas para além deste, entre o promontório Cúneo e o rio *Anas*.

Importante para a localização do *promunturium Cuneus* parece o facto de o chamado cabo de Santa Maria não corresponder a um *promunturium*. O termo latino como, aliás, o português “promontório”, aplica-se a elevação que, de forma abrupta, entra no mar e nele, do alto, se despenha. Ora o cabo de Santa Maria é apenas o ponto mais avançado de uma formação baixa de origem sedimentar constituída por areias que são transportadas ao longo da costa, de ocidente para oriente, por efeito das correntes e dos ventos. O retardamento da marcha litoral das areias, a oriente de Quarteira, conjugado com a vaga oblíqua prevalecente de sudoeste, origina a acumulação de areias contra a linha da costa. Pelo empilhamento dessas areias, os bancos, inicialmente submersos, foram progressivamente emergindo.

As extensas formações arenosas integram hoje as “ilhas” de Barreta e da Culatra, ambas com altitude máxima de 3 m. Entre a ilha da Culatra e a Cabeça dos Mortos, faz-se a entrada para o canal de Faro (a ocidente) e o canal de Olhão (a oriente). Canais de pouca fundura separam sapais (Fig. 1).

O cabo de Santa Maria não corresponde, pois, a um *promunturium*. É apenas uma estrutura morfo-sedimentar arenosa que deve classificar-se como “barreira linear”, isto é, cordão subparalelo ao litoral. Esta barreira apresenta grande instabilidade e as aberturas ou passagens têm carácter divagante. O dito cabo pode merecer este nome apenas porque “cabo”, em português, significa também “extremidade” (como na expressão “fica no cabo da aldeia”). Mas a estrutura morfo-sedimentar que separa Faro, do mar, dificilmente, repetimos, poderá ter sido chamada *promunturium*.

É certo que a configuração do litoral, na época romana, poderia ser (ou seria mesmo) diferente da actual. A cidade de Faro (isto é, *Ossonoba*) poderia ficar então mesmo sobre o mar. Mas a elevação onde se situava o forum e onde hoje vemos a Sé mereceria esse nome de *promunturium*?

O morro da Sé de Faro ergue-se a 8 m e dista hoje menos de 6 quilómetros do chamado cabo de Santa Maria. Se, na época romana, não existissem ainda os cordões

arenosos e sapais da ria de Faro, o morro ficaria directamente sobre o mar. Mas teria a forma de cunha que Estrabão, III, 1,4 e Pompónio Mela, III, 1, 7 lhe definem? E seu nome seria diferente do da cidade que nele tinha assento?

No século X, pelo menos, haveria já algumas ilhas relativamente consolidadas na actual ria de Faro, pois Ahmede Arrazí escreveu, a propósito da cidade: “E há mui boas ínsoas (ilhas) e mui de sabor em que podem portar as barcas” (in COELHO, 1989: 49). Por sua vez, Ibne Abde Almunime Alhimiari, que usou, como fontes, autores dos séculos XI e XII, escreveu: “Santa Maria do Garbe (Faro) está situada numa ponta que avança pelo Atlântico e os seus muros são banhados pelas águas na maré cheia... O seu porto é frequentado por navios... Está provida de um estaleiro de construção para a frota. Em face dela, no mar, há ilhas onde crescem pinheiros” (in COELHO, 1989: 59).

Julgámos útil reproduzir este último texto porque a referência à “ponta que avança pelo Atlântico” é um dos raros argumentos que podem apresentar-se a favor da eventual identificação do *promunturium Cuneus* dos Antigos com o morro da Sé de Faro (ainda que não devemos esquecer-nos de que a referência corresponde ao séc. XI ou XII). A ponderação de dados já referidos e de outros que de seguida apresentaremos levam-nos, porém, a propor uma localização do *promunturium Cuneus* no Barlavento algarvio. Dado que o troço da costa desde o cabo de S. Vicente até à ponta da Medronheira (situada entre Albufeira e Quarteira) é constituído por falésias mais ou menos elevadas e que, de Quarteira à foz do Guadiana, o litoral é baixo, não deveremos procurar o *promunturium Cuneus* naquele primeiro troço da costa?

A ponta da Piedade, junto a Lagos, é cuneiforme mas parece pouca e pequenina (Fig. 4): só medrosamente a podemos propor como o *Cuneus*. O cabo Carvoeiro, entre Portimão e Armação de Pera, é um acidente significativo que os mapas dos séculos XVI e XVII (vários em *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. II ou em *Olhar o mundo, ler o território*; neste nosso artigo, Fig. 5) desenharam consideravelmente acentuado como se tivesse, para os navegantes, grande importância. Não tem, porém, a forma de cunha (ainda que apareça mais ou menos como tal em alguns daqueles mapas).

Onde ficaria, afinal, o *promunturium Cuneus*?

## O testemunho de Avieno

Avieno, na *Ora Maritima*, vv. 201-204 e 212-217 escreveu:

201 ...*Tum Cyneticum iugum*  
*que sideralis lucis inclinatio est,*  
*alte tumescens ditis Europae extimum*

- 204 *in beluosi uergit Oceani si salum*
- 212 *Hic insularum semet alte subrigit  
uertex duarum: nominis minor indiga est,  
aliam uocauit mox tenax Agonida.*
- 215 *Inhorret inde rupibus cautes Sacra,  
Saturni et ipsa. Feruet inlisum mare  
litusque latus saxeam distenditur*

Na tradução de J. Ribeiro Ferreira (1992):

“Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros.”

“Aqui ergue-se a grande altitude o cume de duas ilhas. A mais pequena não tem nome, à outra a tradição tenaz deu-lhe o nome de Agónis. Segue-se um promontório que assusta pelos seus rochedos, também ele consagrado a Saturno. Ferve o mar encrespado e, rochoso, o litoral estende-se ao largo.”

O Cinético dos versos 201-204 será o cabo de S. Vicente. Depois, nos versos 205-211 (que não transcrevemos), Avieno refere-se ao *Anas* (Guadiana) e à região dos Cines. A pequena ilha sem nome poderá ser a que Leite de Vasconcelos (1905: 10) chama *linxão* (leixão) de S. Vicente e a CMP, na escala 1:25.000, Gigante. A ilha Agónis seria a de Pedra das Gaivotas, a que o autor de *Religiões da Lusitânia* dá o nome de Armação (Figs. 2 e 3). O nome de Agónis, se eventualmente relacionado com o verbo grego *agon*, significaria “ilha dos medos” ou “ilha dos perigos”. O promontório seguinte, consagrado a Saturno, seria a ponta de Sagres. A expressão “também ele consagrado” justifica-se porque, anteriormente, nos vv. 164-165, Avieno havia referido uma ilha consagrada a Saturno. Esta ilha tem sido identificada com uma das Berlengas mas parece-nos corresponder a Peniche. Adiante justificaremos a nossa opção.

Se não é inteiramente seguro que, na *Ora Maritima*, se distingam e refiram o cabo de S. Vicente e a ponta de Sagres, também não é de rejeitar esta interpretação.

Para Leite de Vasconcelos (1905: 8-13 e 199-216), o *Cyneticum* de Avieno seria todo o Algarve, do cabo de S. Vicente ao Guadiana. A extremidade do Sudoeste algarvio, na qual hoje distinguimos o cabo de S. Vicente e a ponta de Sagres, constituiria, para os Antigos (ainda segundo Leite de Vasconcelos), um único promontório que seria conhecido por uns como *Sacrum* e, por outros, como *Cuneus*. Aí haveria (diz ainda o mesmo autor) dois santuários: um, consagrado a Hércules (ou Melkart), ficaria no actual cabo de S. Vi-

cente; outro, dedicado a Saturno (ou Cronos ou El), na ponta de Sagres. As *cautes Sacra, Saturni* da *Ora Maritima* corresponderiam a esta ponta.

Sem querermos discutir o melindroso problema dos santuários e das divindades às quais seriam consagrados (sobre o assunto, *vid.* também SALINAS DE FRIAS, 1988: 135-142, com identificação de Melkart, isto é, do Hércules tírio, como divindade à qual seria dedicado o santuário do *promunturium Sacrum*; *vid.* ainda GARCÍA QUINTELA, 1999; RIBEIRO, 2002: 361-362 e GOMES, 2001: 102-107), não deixaremos de admitir a possibilidade de os Antigos (ou alguns Antigos) distinguirem os dois promontórios com dois diferentes nomes.

Foi essa, também, a opinião de Schulten, na sua edição da *Ora Maritima* (1922: 96; *vid.* também SCHULTEN, 1959: 340-341). O sábio alemão identificou o cabo de Saturno de Avieno com a ponta de Sagres mas considerou que os nomes de *Cyneticum*, *Sacrum* e *Cuneus* se devem reportar todos ao cabo de S. Vicente: seriam designações alternativas usadas por diferentes autores.

O passo de Plínio, IV, 35, 116 que citámos no início deste nosso artigo parece dever interpretar-se, porém, no sentido de que *Sacrum* e *Cuneus* eram dois cabos diferentes. O passo de Pompónio Mela, III, 1, 7 parece confirmar essa distinção (embora, como veremos, seja discutível a que promontórios se referem o *Cuneus* e o *Sacrum* deste corógrafo).

Será que o *Sacrum* de Estrabão, III, 1, 4, o de Plínio, IV, 35, 116 e o de Ptolemeu, II, 5, 2 era o actual cabo de S. Vicente e que o *Cuneus* de Plínio corresponde mesmo à ponta de Sagres?

## O testemunho de Estrabão

Parece-nos agora oportuno recordar o texto de Estrabão, III, 1, 4 cuja tradução devemos a J. Ribeiro Ferreira:

“Voltando ao assunto, tentemos descrever as coisas uma a uma, começando pelo Promontório Sagrado. Este é o ponto mais ocidental, não só da Europa, mas também de toda a terra habitada, já que esta é limitada, a ocidente, por dois continentes: os confins da Europa, que os Iberos habitam, e os primeiros contrafortes da Líbia, que os Maurúsius detêm. A Ibéria, no entanto, salienta-se em cerca de 1500 estádios, na direcção do chamado Promontório Sagrado. A região contígua apelidam-na também, em pronúncia latina, de *cuneus*, que significa cunha. Artemidoro, que diz ter estado no local, compara esse cabo e a terra que reentra pelo mar dentro a um barco e considera que corroboram tal comparação três ilhotas, uma a ocupar o lugar do esporão e as outras duas, que possuem pequenos ancoradouros, o dos turcos dos ferros”.

A tradução merece-nos dois comentários:

Não é ingenuamente ou por preciosismo de estilo que se usa “pronúncia latina” em vez de “língua latina”. Ainda que Estrabão explique o nome latino *Cuneus* pela forma de cunha do território (e o mesmo diz Pompónio Mela, III, 1, 7), pretende-se manter aberta a possibilidade de o corónimo corresponder a palavra pré-romana que, aos Romanos, soaria como *cuneus*. Estamos a pensar, evidentemente, nos *Conii*, que têm sido localizados no Sul de Portugal e até identificados com os *Cinetes*: estes seriam conhecidos por este nome no séc. VI ou V a.C. e seriam chamados *Conii* no séc. II a.C. Provavelmente, porém, os *Conii* não ficavam aqui, mas no vale médio do Guadiana, como noutra trabalho sustentámos (ALARCÃO, 2001: 335-338).

Se o território não fosse representado pelos Antigos em forma de cunha e se, por isso, não pudéssemos encontrar nessa suposta configuração a origem do nome, teríamos de explicá-lo de outro modo. Mas o texto de Estrabão e, sobretudo, o de Pompónio Mela (que adiante transcreveremos), bem como o mapa de Ptolemeu (Fig. 6), deixam-nos supor que o nome *Cuneus* derivou do nome comum latino que tinha o sentido de “cunha”.

O segundo comentário que entendemos dever fazer refere-se à tradução do termo grego *epotides* por “turcos dos ferros”. Talvez Estrabão tenha querido referir-se àquelas armações de madeira que, nos dois lados da proa de uma embarcação antiga (ou, eventualmente, num só lado), serviam para içar ou descer as âncoras e para as alojar enquanto o navio singrava. “Ferros” é nome tradicional das âncoras. Dado que o cepo destas, na Antiguidade, era normalmente de chumbo, a expressão “turcos dos ferros” pode considerar-se anacrónica. Mas preferimos mantê-la a adoptar a expressão “turcos das âncoras”, que não se usa na linguagem náutica. Não pode, aliás, esquecer-se que, desde o séc. III ou II a.C., também se fabricavam âncoras de ferro, ainda que os cepos de chumbo fossem muito mais comuns (MERCANTI, 1979: 31-32 e 65; GAY, 1997: 59; BLOT, J. Y., 2000: 579; DIOGO, 2003).

Por *epotides* talvez Estrabão, porém, entendesse as projecções, para fora da amurada, de uma forte travessa que, nos barcos de guerra, reforçava a proa contra intencionais abalroamentos por outras naves (MORRISON, 1956: 377).

Sem pretendermos resolver a dúvida sobre o sentido do termo *epotides* em Estrabão (dúvida que, aliás, nos parece irrelevante para a identificação do *Hieron akroterion* ou *Promunturium Sacrum* deste autor), observaremos que Estrabão não diz que *Kouneos* é nome de *promunturium* ou *akroterion*, mas de *chora*. Este nome grego corresponde ao latim *ager*. Trata-se, pois, de uma região ou área que poderia ter considerável dimensão.

Alcançaremos melhor entendimento do que diz Estrabão se tivermos presente o mapa de Ptolemeu, que configura como um vasto triângulo ou cunha toda a extremidade sudoeste da Península Ibérica e faz, do *Hieron akroterion* ou *Promunturium Sacrum*, a

extremidade dessa cunha – mais avançada que o cabo da Roca que é, na realidade, o ponto mais ocidental da costa peninsular.

É duvidoso se a *Geografia* de Ptolemeu circulou, ou não, na Antiguidade, com mapas (BERGGREN e JONES, 2000: 45-50). Os mais antigos manuscritos que contêm representações cartográficas são de c. 1300 (BERGGREN e JONES, 2000, 43-44; DILKE, 1998: 198-201) e as primeiras edições impressas que as incluem são as de Bolonha (1477), Roma (1477-1478) e Ulm (1482). Reproduzimos aqui (Fig. 6) a Península Ibérica da edição de Ulm.

Pode argumentar-se que usamos uma representação cartográfica que não seria a de Estrabão e que devíamos ler o texto do geógrafo à luz de um mapa elaborado na sua época: o de Agripa. Este, infelizmente, perdeu-se.

Júlio César encomendou a feitura de um mapa do mundo e confiou a um tal *Didimus* os trabalhos relativos ao Ocidente. Dídimo terá demorado 26 anos a executar o trabalho e tê-lo-á completado a 27 a.C. (DILKE, 1998: 40 e 183).

Agripa terá aproveitado os trabalhos dos cartógrafos de Júlio César para a elaboração do famoso mapa conhecido com o seu nome e reproduzido na *porticus Vipsania*, em Roma. Gravado em mármore ou pintado sobre estuque, o mapa ainda não estaria pronto (ou ainda não estaria gravado e exposto) em 12 a.C., quando Agripa morreu; e, mesmo em 7 a.C., o pórtico não estava concluído (DILKE, 1998: 41-43).

Estrabão viveu alguns anos em Roma a partir de 44 a.C. mas é possível que tenha voltado posteriormente à capital do Império ou que tenha visto, em Alexandria, alguma reprodução do mapa de Agripa ou esboços eventualmente feitos pelos cartógrafos de Júlio César. A sua *Geografia* foi redigida entre 9 e 5 a.C. e revista em 18 ou 19 d.C. (ALONSO NUÑEZ, 1999: 105-107).

Seria, pois, à luz do mapa de Agripa que deveríamos ler o texto de Estrabão, bem como os de Plínio e Mela. Mas, perdido esse mapa, não temos outro recurso que não seja o mapa de Ptolemeu (pelo menos, enquanto não for divulgado o de Artemiduro a que adiante nos referiremos). Reafirmando que os mapas ptolemaicos, por seu turno, são apenas os que, utilizando as coordenadas do geógrafo, foram desenhados a partir de c. 1300, não deixaremos de observar que eles nos apresentam uma imagem do Sudoeste peninsular que se coaduna com a descrição de Estrabão. Mas o mapa de Agripa seria, afinal, muito diferente dos que acompanham os manuscritos da Baixa Idade Média e as primeiras edições impressas da *Geografia* de Ptolemeu? Será credível a reconstrução que Berthelot fez do mapa de Agripa na sua edição da *Ora Maritima* de Avieno (*hic*, Fig. 7)? O mapa de Agripa não seria muito próximo do que o mesmo Berthelot supôs que seria a representação cartográfica de Estrabão (*hic*, Fig. 8)? Fazendo esta pergunta, não queremos dizer que, em nossa opinião, Berthelot desenhou com muita atenção o que poderá ter sido a representação cartográfica que Estrabão teria da Hispânia: esqueceu,

pelo menos, que o geógrafo compara a Península Ibérica a uma pele de boi (Estrabão, III, 1, 3).

Schulten (1959: 38-45) tentou reconstituir, esquematicamente, as representações cartográficas antigas da Península Ibérica. Reproduzimos nas nossas Figs. 9 e 10 os esquemas do sábio alemão.

Schulten serviu-se das descrições, alusões e medidas de autores gregos e latinos, muitas delas, infelizmente, contidas em obras perdidas das quais não temos senão “transcrições” ou “citações” noutros autores que as utilizaram. Sabendo que os Antigos, frequentemente, eram pouco rigorosos quando se citavam uns aos outros (ou não faziam transcrições literais), o método é perigoso e não podemos utilizá-lo senão com muitas cautelas.

Schulten definiu duas tradições. A primeira que, segundo o sábio alemão, representaria a Península Ibérica de forma assaz correcta, remontaria a Píteas, o famoso navegador massiliota do séc. IV a.C., e teria sido também a de Eratóstenes e Posidónio. A segunda seria a de Políbio, Artemidoro, Varrão e Estrabão.

Píteas e os seus seguidores teriam da Hispânia a ideia de uma península sobre o quadrado, com o cabo da Roca como ponto mais ocidental, a costa desde este ao cabo Ortegal (na Galiza) correndo sensivelmente no sentido sul-norte, o cabo Ortegal (ou outro das actuais costas galegas) como esquina noroeste que marcaria o trânsito do Oceano ao mar Cantábrico, e as colunas de Hércules como vértice de um ângulo obtuso que as costas meridional e mediterrânica da Península Ibérica formariam.

Políbio, Artemidoro, Varrão e Estrabão, pelo contrário, e ainda na opinião de Schulten, imaginariam a costa peninsular correndo, a partir do cabo de S. Vicente ou do cabo da Roca, de ocidente acentuadamente para nordeste e não de sul para norte.

A reconstituição desta segunda suposta imagem da Península Ibérica parece poder apoiar-se em Plínio, IV, 35, 113. O Naturalista, referindo-se ao cabo da Roca (a que alguns, diz, chamaram *Artabrum*, outros, *Magnum* e muitos, *Olisiponensis*), declara ser aí que se passa da parte frontal (ocidental) da Hispânia a uma das suas partes laterais (a setentrional). Nesta referência se apoiou também a reconstituição que Berthelot propôs para o mapa de Agripa.

Este passo de Plínio parece-nos conter um grande erro (ou confusão) do Naturalista – e tem, por isso, suscitado muitas dúvidas aos editores e comentadores da *Naturalis Historia*. Procuraremos, mais adiante, entender o “erro” de Plínio. Por agora, diremos que as reconstituições de Berthelot e de Schulten nos parecem muito duvidosas e que, provavelmente, Políbio, Artemidoro, Varrão, Estrabão e Agripa não imaginariam a Hispânia de forma muito diferente da suposta representação de Píteas, Eratóstenes e Posidónio – e da representação de Ptolemeu.

Infelizmente, não se acha ainda publicado o mapa de Artemidoro contido num papiro descoberto não há muitos anos no Egito.

A *Geografia* de Artemidoro de Éfeso, autor que viveu nos finais do séc. II e inícios do I a.C., perdeu-se e não conhecemos dela (ou não conhecíamos até há bem pouco tempo) senão o que outros autores antigos citaram ou transcreveram. Num papiro descoberto no Egito, em Antaiupolis, descobriu-se, porém, o *proemium* e o primeiro (ou parte do primeiro) dos onze livros da *Geografia* de Artemidoro. Este primeiro livro foi consagrado à Hispânia pelo geógrafo de Éfeso que, aliás, visitou a Península Ibérica.

Não sabemos se esta cópia da *Geografia* de Artemidoro, datada de meados do séc. I a.C., foi completada. Não o terá sido, porém, nos mapas que a acompanhariam, desenhados por mão diferente da que copiou o texto, cuja caligrafia, aliás, é excelente. Certo é que este rolo de papiro foi depois reutilizado, em época balizada pelos reinados de Nero e Domiciano, em escritório da cidade egípcia de Antaiupolis, para desenhar esboços ou estudos de cabeças humanas e de animais.

O rolo de papiro conservado, que foi objecto de uma publicação preliminar por Claudio Gallazzi e Bärbel Kramer (1998), apresenta um mapa da Península Ibérica com traçado de alguns rios e “vinhetas” que representam povoações – vinhetas que lembram, pelo estilo, as que ilustram obras dos agrimensores latinos ou a famosa *Tabula Peutingeriana*. Não chegaram, porém, a ser escritos os nomes dos rios e das povoações. A publicação efectuada ilustra apenas um pormenor do mapa, e teremos de aguardar edição completa e definitiva para verificar se tem qualquer semelhança com a reconstituição esquemática do mapa de Agripa proposta por Berthelot ou com a reconstituição do mapa de Varrão proposta por Schulten.

Por enquanto, leremos Estrabão (bem como Pompónio Mela e Plínio) à luz do mapa de Ptolemeu: o *Cuneus* de Estrabão e de Pompónio Mela seria *chora* ou *ager*, isto é, todo o Sudoeste imaginado como uma enorme cunha.

Concluindo este apartado, diremos que o *Hieron akroterion* ou *Promunturium Sacrum* de Estrabão era o remate dessa *chora* ou *ager*, isto é, o actual cabo de S. Vicente (ou este e a ponta de Sagres, que o geógrafo de Apameia não terá distinguido). As três ilhotas de que fala Estrabão foram identificadas por Leite de Vasconcelos, como atrás dissemos, com as de Armação Nova (= Pedra das Gaivotas), Pedra do Caxado ou Cajado (junto à ponta dos Arquizes) e Leixão (= Gigante). Talvez Gigante se possa identificar com a ilhota que Estrabão situa na proa do cabo e Pedra das Gaivotas, com uma das *epotides*. Mas teríamos de procurar a outra *epotis* do lado de Pontal Gordo e não se vê aí, hoje, nenhuma ilhota. Por outro lado, nem no ilhéu Gigante nem na ilhota da Pedra das Gaivotas há testemunhos arqueológicos de ancoradouros. Será que Estrabão cometeu uma incorrecção e que um dos ancoradouros não ficava na ilhota, mas na pequena enseada, próxima, de Armação Nova? Mas onde ficaria o segundo ancoradouro? Fica demasiadamente longe e fora de vista aquele ilhéu da Baleeira ou Martinhal onde houve ocupação romana (VEIGA, 1910: 211; GOMES e SILVA, 1987: 67; SILVA, SOARES e CORREIA, 1990).

A ponta da Atalaia, um dos remates de Sagres, é cuneiforme e poderia ser comparada à proa de uma embarcação; tem, além disso, duas ilhotas no lugar das *epotides*. Mas nem essas ilhas poderiam ter ancoradouros, nem se vê terceira no alinhamento do que seria a proa do promontório.

## Os promontórios de Pompónio Mela

Mais tardio que o texto de Estrabão é o de Pompónio Mela.

Nascido em Tingentera, povoação hispânica perto do estreito de Gibraltar, Pompónio Mela escreveu a sua *De Chorographia* no tempo de Calígula ou Cláudio. Não parece que tenha conhecido a *Geografia* de Estrabão.

Diz Mela, III, 1, 6-8:

6. *At Lusitania trans Anam, qua mare Atlanticum spectat primum ingenti impetu in altum abit, dein resistit ac se magis etiam quam Baetica abducit.*
7. *Qua prominet bis in semet recepto mari in tria promunturia dispergitur: Anae proximum, quia lata sede procurrens paulatim se ac sua latera fatigat, Cuneus ager dicitur, sequens Sacrum uocant; Magnum quod ulterius est. In Cuneo sunt Myrtilli, Balsa, Ossonoba; in Sacro Laccobriga et Portus Hannibalis; in Magno, Ebor.*
8. *Sinus intersunt et est in proximo Salacia; in altero Vlisipo et Tagi ostium, amnis gemmas, aurumque generantis. Ab is promunturiis in illam partem quae recesit ingens flexus aperitur in eoque sunt Turduli ueteres Turdulorumque oppida; amnes autem in medium fere ultimi promunturii latus Munda effluens et radices eiusdem adluens Durius.*

Daremos agora a tradução, que deve confrontar-se com a de Justino Mendes de Almeida (ALMEIDA e PRESCOTT VICENTE, 1969: 12):

6. “Mas, situada para além do Guadiana, a Lusitânia, onde está voltada para o mar Atlântico, primeiramente avança, com grande impulso, para o alto mar, depois pára e recolhe-se mais ainda que Bética.
7. Aí onde se salienta, acolhendo em si o mar por duas vezes, divide-se em três promontórios: o mais próximo do Anas, pelo facto de, a pouco e pouco saindo da sua larga base, se tornar pontiagudo a si e aos seus flancos, é chamado agro Cúneo; ao seguinte chamam Sagrado; e Magno ao que está mais afastado. No Cúneo estão situadas Mírtillis, Balsa, Ossónoba; no Sagrado, Lacóbriga e Porto de Aníbal; no Magno, Ébora.

8. Intercalam-se os golfos: no mais próximo fica Salácia; no segundo, Olisipo e a foz do Tejo, rio que produz gemas e ouro. Depois destes promontórios, naquela parte que recua, abre-se um enorme recôncavo e nele estão situados os Túrdulos Velhos e os ópidos dos Túrdulos. Quanto a rios, (acham-se) o Munda, que corre quase para o meio de um dos costados (ou flancos) do último promontório, e o Douro, que banha as bases do mesmo.”

O entendimento destes passos de Pompónio Mela não é pacífico e já Leite de Vasconcelos (1905: 13) sublinhou algumas das perplexidades de quem os lê.

Admitindo, como atrás vimos, que os dois promontórios hoje chamados de S. Vicente e de Sagres poderão ter sido tomados pelos antigos como um só (a que alguns dariam o nome de *Sacrum* e que outros chamariam *Cuneus*), Leite de Vasconcelos sugeriu que Pompónio Mela, confundido pela dupla designação, terá chamado *Sacrum* ao cabo de S. Vicente e atribuído “ao cabo inominado [de Santa Maria] um dos nomes [isto é, o de *Cuneus*] que sobrava do outro.”

Pompónio Mela, falando dos três *promunturia*, chama, imediatamente a seguir, *ager Cuneus* ao primeiro. Afinal, o *Cuneus* era *ager* (ou *chora*, segundo a designação de Estrabão) ou era *promunturium*? Como atrás dissemos, *ager* ou *chora* significa “território”, “terra”, “região”. Parece, pois, que, em Pompónio Mela, se mantém a designação estraboniana de *Cuneus* para um vasto território, no qual se situavam Mírtilis, Balsa e Ossónoba. Três cidades não cabem num promontório. A este *ager Cuneus* terá Pompónio Mela chamado *promunturium* num sentido algo metafórico? Se olharmos de novo o mapa de Ptolemeu, o *ager Cuneus* configura-se como um gigantesco promontório que avança na parte sudoeste da Hispânia.

Poderemos admitir que, para Pompónio Mela, o *ager Cuneus* era também uma região de forma triangular (ou em cunha) rematada por um promontório ou cabo, ele mesmo chamado *Cuneus*? Mas se o cabo de S. Vicente era o *Cuneus* para Mela, onde ficava o outro cabo que o corógrafo chama *Sacrum*?

As dúvidas acentuam-se quando lemos que se intercalam dois golfos. Parece-nos irrelevante (ou menos importante) discutir se o termo *sinus*, nestes passos de Pompónio Mela, se deve traduzir por “golfo” ou “estuário” ou se designa (também) um gigantesco arqueamento recôncavo do litoral. O certo é que o corógrafo situa *Salacia* no primeiro *sinus*, isto é, no que fica entre o *Cuneus* e o *Sacrum*, e *Olisipo*, no segundo, quer dizer, entre o *Sacrum* e o *Magnum*. Ora, se o *Cuneus* de Pompónio Mela fosse o cabo de Santa Maria e o seu *Sacrum*, o cabo de S. Vicente, como poderia ter o autor situado *Salacia* entre os dois cabos? Além disso, na costa algarvia entre o cabo de Santa Maria e o de S. Vicente, que *sinus* teria sido considerado por Pompónio Mela? A baía de Lagos? O estuário do rio Arade? Se, para o autor, *Salacia* ficava num *sinus* rematado pelo *Cuneus*

numa das pontas e pelo *Sacrum* na outra, não deveremos identificar o *Sacrum* deste corógrafo com o cabo Espichel?

Assim, temos de optar entre a rejeição do texto de Pompónio Mela por totalmente equivocado ou admitir que o corógrafo chamou *Cuneus* ao cabo de S. Vicente (ou ao *ager* que o cabo rematava) e *Sacrum* ao Espichel.

### **Chamar-se-ia *Sacrum* ao cabo Espichel ou ao cabo da Roca?**

O cabo Espichel (e a serra da Arrábida, da qual ele constitui ponta) corresponde, na fachada ocidental da Península Ibérica, a um acidente muito relevante. “A serra – escreve Orlando Ribeiro (*in* RIBEIRO e LAUTENSACH, 1987: 81) – determina, na costa ocidental portuguesa, a sua maior inflexão.” E continua este autor: “O maior alcantil decai quase a pique de 380 m, constituindo o acidente mais grandioso de toda a costa portuguesa; passada a enseada de Sesimbra, aberta no interior brando de um vale tifónico, começam as arribas do Cabo Espichel, *Barbaricum Promontorium*, cuja selvagem beleza não deixava de impressionar os geógrafos clássicos.” E diz ainda Orlando Ribeiro que a Arrábida “é também nessa costa [a portuguesa] o maior obstáculo.”

A este cabo dá a *Ora Maritima* de Avieno, vv. 182-183, o nome de *Cepresicum*. Ou, mais correctamente, fala-se, nesses versos, do *Cepresicum iugum* e dele se diz: *intumescit*. Poderia traduzir-se *Cepresicum iugum* por “serra Ceprésica”. Mas também é certo que *iugum*, noutros passos de Avieno, tem o sentido de cabo.

Schulten (1922: 62) julgou dever corrigir-se esse nome (que é o que se encontra na *editio princeps* da *Ora Maritima*) por *Cempsicum* e relacionou-o com o etnónimo *Cempsi* do mesmo poema. Este “povo” situar-se-ia, pois, na serra da Arrábida (ou, pelo menos, o seu território viria até estas paragens).

A correcção de *Cepresicum* por *Cempsicum* tem sido aceite por muitos editores e comentadores do poema de Avieno (e por nós mesmos, ALARCÃO, 1992: 340). J. Mangas e D. Plácido, na sua edição da *Ora Maritima*, mantêm, porém, *Cepresicum*.

A correcção é admissível, tanto mais que *Cepresicum* é nome (até agora) sem explicação: não se lhe encontra etimologia ou significado nem se lhe acha horizonte linguístico onde possa integrar-se. Um nome *Cypresicum* conviria a uma serra onde houvesse frondosos ciprestes. Mas não estamos certos de que eles existissem na antiga cobertura vegetal, rica de pinheiros, carvalhos, sobreiros, medronheiros e muitas espécies arbustivas (RIBEIRO, 1935: 56-63). Se os houve, não parece que tenham atraído a atenção de frei Agostinho da Cruz que, no século XVI, tanto cantou essa “serra do mar largo cercada” e “tão vizinha das estrelas”.

Não parece fácil, porém, admitir que um eventual nome *Cypresicum* de um manuscrito tenha sido lido como *Cepresicum* pelo editor da primeira versão impressa da *Ora Maritima*. Um nome *Cypresicum* no manuscrito poderia ter sido transcrito por *Cupresicum* ou *Cipresicum*, mas dificilmente por *Cepresicum*.

Seja como for, convém manter alguma dúvida sobre se o nome do cabo Espichel foi *Cempsicum*, *Cepresicum* ou ainda algum outro que terá sido desvirtuado na *editio princeps* da *Ora Maritima*.

Ao cabo Espichel dão Estrabão, III, 3, 1 e Ptolemeu, II, 5, 3 o nome de *Barbarium*. Plínio não se lhe refere.

Se nos parece que o cabo Espichel é o que Pompónio Mela designa por *Sacrum*, isso não significa necessariamente que esse promontório tenha sido conhecido, na época romana, por esse nome: é possível que Mela se tenha equivocado e tenha chamado *Sacrum* a um cabo que, no seu tempo, seria por todos (ou por muitos) conhecido como *Barbarium*. Mas não podemos admitir que o cabo Espichel era conhecido por uns como *Barbarium* e por outros, como *Sacrum*? Nesta hipótese, Estrabão e Ptolemeu teriam registado um nome e Pompónio Mela, o outro nome.

Esta última hipótese, não sendo inteiramente rejeitável, não deixa de suscitar dúvidas: a atribuição do mesmo nome *Sacrum* a dois cabos da fachada peninsular ocidental, sobretudo porque um se seguia ao outro sem terceiro promontório relevante entre os dois, não poderia ter deixado de conduzir a equívocos.

Numa outra hipótese, haveria efectivamente, no litoral ocidental, dois *promunturia* chamados *Sacrum*. Se um deles era o cabo de S. Vicente, o outro, porém, seria o da Roca – e Pompónio Mela teria cometido o erro de desviar o nome de *Sacrum* do cabo da Roca para o Espichel. Este último nunca, por ninguém (a não ser pelo próprio Pompónio Mela), teria sido chamado *Sacrum*.

A ideia de que o cabo da Roca pode ter sido chamado *Sacrum* parecerá, à primeira vista, gratuita. Estrabão não se refere a este promontório. *Magnum* é, aparentemente, o nome que lhe dá Pompónio Mela. O corógrafo situa nele a cidade de *Ebora* que, provavelmente, não corresponde a *Ebora Liberalitas Iulia* (Évora), mas a *Eburobrittium*, perto de Óbidos (MOREIRA, 2002). Plínio, IV, 35, 113 refere-se ao cabo da Roca, dizendo que “entra pelo mar dentro, com uma extensa ponta, um promontório que alguns chamaram Ártabro, outros, Magno e muitos, por causa do ópido, Olisiponense.” Adiaremos a explicação do estranho nome *Artabrum* para o cabo da Roca; mas não pomos em causa que o cabo da Roca seja o *promunturium Magnum* ou *Olisiponensis* de Plínio.

Ptolemeu, II, 5, 3 chama a este cabo *Lunae mons*, *Promunturium* (ou, em grego, *Selenes oros*, *akron*). Parece, pois, que a serra de Sintra era chamada “serra da Lua” e que, nela, o cabo da Roca recebia o mesmo nome, “promontório da Lua”. Ou talvez a serra fosse chamada “serra da Lua” e o cabo da Roca fosse nomeado como “promontório

Magno” ou “promontório da serra da Lua”. Mas o promontório seria, por outros, chamado “Olisiponense”. E não seria, por outros ainda, designado como *Sacrum*?

Schulten (1959: 103) admitiu a hipótese de o cabo da Roca ter sido chamado (ou também chamado) *Sacrum* – e a sua hipótese não deixa de ser digna de ponderação.

Dado que Columela, *R.R.* VI, 27, 7 chama *mons Sacer* à serra de Sintra, e visto que o cabo da Roca se situa nessa serra, é possível que o cabo tenha sido também conhecido pelo nome de *Sacrum*. Escreveu Columela:

*Cum sit notissimum etiam in Sacro monte Hispaniae, qui procurrit in occidentem iuxta Oceanum, frequenter equas sine coitu uentre pertulisse.*

“Porque é bem sabido que no monte Sagrado da Hispânia, que se projecta para occidente junto ao Oceano, as éguas frequentemente emprenham sem coito.”

Varrão, *R.R.*, II, 1, 19 refere-se à mesma fecundação das éguas pelo vento e diz que isto ocorria no monte *Tagrus*, na região onde se situava *Olisipo*. Não temos outra atestação deste nome *Tagrus* para a serra de Sintra.

R. M. Rosado Fernandes (1983-1984: 54-55 e 57) admite a possibilidade de, em Varrão, *Tagro* estar por *Sacro*, mas considera que se trata de hipótese “não óbvia nem fácil”. Considerando que o *mons Sacrum* poderia ser a serra de Sintra, inclina-se mais para a hipótese de corresponder à de Monsanto (Lisboa).

Na serra de Sintra, no sítio denominado Alto da Vigia, sobranceiro à foz da ribeira de Colares ou rio de Maças, houve um santuário consagrado ao *Sol Aeternus* e à *Luna* (RIBEIRO, 1982-1983: 165-166; RIBEIRO, 2002: 235-239).

Foi também de uma referência de Estrabão que Schulten deduziu a possibilidade de o cabo da Roca ter sido chamado *Sacrum*.

Estrabão diz que a distância do *Sacrum* a *Gadir* (Cádiz) era de menos de 2000 estádios e, noutro passo, dá a distância exacta de 1700 estádios, segundo Artemidoro:

III, 1, 9:

“... Mais adiante [fica] o Anas que, também ele, tem duas bocas, com um canal navegável em cada uma delas; por fim, o promontório Sacro, que dista de Cádiz menos de 2000 estádios.”

III, 2, 11:

“... Mas Artemidoro contesta-o [a Eratóstenes] e diz que tais afirmações são contrárias à verdade, como também o é a distância de cinco dias de navegação que Eratóstenes conta de Cádiz ao promontório Sacro, visto que essa distância não ultrapassa 1700 estádios.”

Porque o estádio alexandrino equivale a 185 m, os 1700 estádios correspondem a 314,5 quilómetros – distância que é, sensivelmente, a do cabo de S. Vicente a Cádiz, por mar. Ora, segundo Avieno, *Ora Maritima*, vv. 222-223, “deste ponto [isto é, do Cinético ou cabo de S. Vicente] até ao referido rio [quer dizer, até ao Guadiana] dista a viagem de um sol”. Dadas as distâncias do cabo de S. Vicente ao Guadiana e deste a Cádiz, devemos presumir outro dia de viagem entre estes dois últimos pontos. Assim, do cabo de S. Vicente a Cádiz, a viagem demoraria dois dias e não os cinco indicados por Eratóstenes. Ou este se enganou ao situar o *Sacrum* a cinco dias de viagem de Cádiz, ou o *Sacrum* de Eratóstenes não era o de Artemidoro e Estrabão, isto é, não era o cabo de S. Vicente. Registaremos que, feita em dois dias a viagem do cabo de S. Vicente a Cádiz, a média de uma embarcação seria de cerca de 157 quilómetros ou 848 estádios por dia. Considerável, esta velocidade seria possível com ventos prevaletentes de oeste, noroeste ou sudoeste que, em diversas épocas do ano, ocorrem na costa algarvia e na baía de Cádiz (RIBEIRO e LAUTENSACH, 1987: 53, Fig. 3).

Schulten (1959: 103), pouco disposto a admitir um erro de Eratóstenes, supôs que o *Sacrum* deste geógrafo era o actual cabo da Roca. Calculando 500 estádios como distância média percorrida por uma embarcação, converteu os cinco dias de viagem em 2500 estádios. Ora, sendo de 1700 estádios a distância de Cádiz ao cabo de S. Vicente, o *Sacrum* de Eratóstenes devia achar-se mais a norte: o sábio alemão situou-o no cabo da Roca.

A identificação proposta por Schulten não deixa de suscitar-nos algumas dúvidas.

Em primeiro lugar, a distância média de 500 estádios parece-nos pecar por defeito, pois, como acabámos de ver, pelo menos na costa meridional e com vento favorável, talvez se percorressem mais de 800 estádios por dia. Por outro lado, a distância de *Gades* ou *Gadir* ao cabo da Roca, seguindo ao longo da costa, é de cerca de 570 quilómetros, isto é, perto de 3081 estádios, e não de 2500 estádios. É possível que alguns autores antigos tenham medido a distância da foz do Tejo ao cabo de S. Vicente não exactamente ao longo da costa, mas em linha recta. Recordaremos que Estrabão, III, 3, 1 dá 1000 estádios como distância, em linha recta, do promontório Sacro (= cabo de S. Vicente) à foz do Tejo. Mas se, de *Gades* ao Sacro, a distância era de 1700 estádios (como diz Estrabão, III, 2, 11), e se, do Sacro à foz do Tejo, mediavam, em linha recta, 1000 estádios, a distância mínima de *Gades* à foz do Tejo seria de 2700 estádios. O cabo da Roca, um pouco para além da foz do Tejo, ficaria a pouco mais de 2700 estádios de *Gades* – e não nos 2500 supostos por Schulten. A 2500 estádios de *Gades* ficaria o cabo Espichel. Afinal, o *Sacrum* de Eratóstenes seria o cabo Espichel, o *Barbarium* de Estrabão e Ptolemeu? Pompónio Mela, chamando *Sacrum* ao cabo Espichel, terá seguido alguma designação tradicional que remontaria pelo menos a Eratóstenes?

O problema torna-se ainda mais complexo porque ignoramos se Eratóstenes si-

tuava o seu *Sacrum* a 2500 estádios de *Gades*. O que nos diz Estrabão é que, segundo Eratóstenes, a viagem do *Sacrum* a *Gades* demorava cinco dias. É Schulten quem converte cinco dias de viagem em 2500 estádios, assumindo uma média diária de 500 estádios. Mas se, como já vimos, é aceitável uma média diária de mais de 800 estádios, o *Sacrum* de Eratóstenes poderia achar-se a cerca de 4000 estádios de *Gades*.

A velocidade de navegação variava em função de múltiplos factores, como correntes, ventos, forma e tonelagem dos navios, número de remadores, etc. Além disso, é possível (ou mesmo provável) que se cobrissem maiores distâncias em dias longos de verão que em dias curtos de inverno. Podemos perguntar-nos, pois, se, em vez de adoptarmos uma média que nos permita converter cinco dias de viagem em estádios, não será mais útil pensarmos nas prováveis (ou possíveis) paragens que se fariam para passar as noites.

Podemos propor o seguinte esquema (cfr. nossa fig. 11):

	Km	estádios
De <i>Gades</i> à foz do Anas	140	756
Da foz do <i>Anas</i> à foz do Arade	120	648
Da foz do Arade à foz do Mira	130	700
Da foz do Mira à foz do Sado	100	540
Da foz do Sado à foz do Tejo	75	405

As propostas paragens na foz do rio Arade (isto é, em Portimão) e na foz do rio Mira têm justificação: no primeiro caso, pelos inequívocos testemunhos da frequência deste porto na Antiguidade (BLOT, M.L.B.H.P., 2003: 276-281); no segundo, pelas condições de abrigo de um estuário que poderá achar-se referido na *Ora Maritima*, vv. 199-200 com o nome de *patulus portus* (VASCONCELOS, 1905: 16).

É credível, porém, que, no segundo dia de viagem, as embarcações avançassem para algum porto a ocidente da foz do rio Arade: até à baía de Lagos ou mesmo até aquelas ilhas, próximas do cabo de S. Vicente, onde Estrabão, III, 1, 4 localiza ancoradouros. A ser assim, talvez no terceiro dia se pudesse navegar até Sines e, no quarto, de Sines à foz do Tejo.

	Km	estádios
Do <i>Sacrum</i> a Sines	120	648
De Sines ao Tejo	140	756

Se estas eram as paragens (e atente-se na regularidade dos percursos; mas, sobre as condições de navegabilidade da costa ocidental e os possíveis portos, *vid.* SILVA e SOARES, 1993: 20-29), as embarcações poderiam ir, no quinto dia, até Peniche, que fica a cerca de 100 quilómetros, isto é, 540 estádios da foz do Tejo.

Os achados subaquáticos da área de Peniche/Berlengas são suficientemente importantes para podermos supor que houve aqui um ancoradouro. Entre esses achados contam-se dois cepos de âncoras do séc. V ou IV a.C. (ALVES, DIOGO e CARDOSO, 2001; BLOT, M.L.B.H.P., 2003: 43 e 225-229).

A actual península de Peniche era uma ilha, que só nos fins do século XVI ficou definitivamente ligada ao continente (BLOT, M.L.B.H.P., 2003: 43). Ficaria aqui o *Sacrum* de Eratóstenes?

Avieno, na *Ora Maritima*, vv. 165-172, refere-se a uma ilha que tem sido identificada por muitos como uma das Berlengas, mas poderia ser essa de Peniche. Na tradução de J. Ribeiro Ferreira, esses versos dizem:

“Em seguida, encontra-se no meio do estuário uma ilha abundante em ervas e consagrada a Saturno. Nela a força da natureza é tanta que, se alguém navegando se aproxima dela, de imediato em volta o mar se excita: a própria ilha se agita e a água revolta-se toda, em fortes ondas, enquanto o resto do peço permanece silencioso como se fora um lago.”

Se J. Ribeiro Ferreira traduz “no meio do estuário”, J. Mangas e D. Plácido adoptam a tradução “en alta mar”. Por outro lado, talvez a referência de Avieno exprima, com alguma liberdade poética, um fenómeno que poderia observar-se na área: o mar, de encontro às Berlengas, era agitado mas, junto à ilha de Peniche, silencioso como um lago.

Devemos observar ainda que Avieno declara ser esta ilha consagrada a Saturno, tal como afirma a consagração, ao mesmo deus, do seu *Cyneticum* (isto é, do cabo de S. Vicente, que viria a ser o *Sacrum* dos Romanos).

A conclusão de que o *Sacrum* de Eratóstenes era a ilha de Peniche não é, obviamente, indiscutível. Para além da fragilidade dos argumentos que apresentámos, podemos dizer que Peniche não era um *promunturium*, mas uma *insula*. O texto de Eratóstenes perdeu-se mas Estrabão deixa crer que aquele geógrafo se referiu a um *promunturium*. Mas também é certo que, na actual península de Peniche, do lado ocidental, fica um cabo, a 34m acima do mar, que tem hoje a designação de Carvoeiro.

De toda esta discussão não podemos retirar senão esta hipótese: é possível que, na costa portuguesa, houvesse um outro cabo, além do actualmente denominado de S. Vicente, a que os Romanos chamariam *Sacrum*. Mas coincidiria esse segundo *Sacrum* com o cabo Espichel, o da Roca ou o Carvoeiro? No caso de o segundo *Sacrum* ser o

cabo Espichel, Pompónio Mela não se teria enganado mas apenas registado um nome que alguns autores lhe dariam.

Como atrás dissemos, o mesmo nome *Sacrum*, se acaso se aplicou a dois cabos que não tinham, entre eles, nenhum outro verdadeiramente importante (isto é, aos actuais cabos de S. Vicente e Espichel), não poderia ter deixado de conduzir a equívocos. Mas não terá sucedido isso mesmo? Quando Artemidoro (citado por Estrabão, III, 2, 11) contestava a informação de Eratóstenes, de que o *Sacrum* distava cinco dias de viagem de *Gades*, não estava a supor que o *Sacrum* de Eratóstenes correspondia ao actual de S. Vicente quando, de facto, Eratóstenes se referia a outro cabo?

Temos de admitir a possibilidade de existirem diversas nomenclaturas, consoante os autores, as épocas e as tradições geográficas: um autor poderia dar um certo nome a um certo cabo, enquanto outro autor lhe daria outro nome. Mas, tudo ponderado, parece-nos mais credível que, havendo um segundo *Sacrum*, este tenha sido o da Roca, isto é, o que Plínio designa por *Magnum* ou *Olisiponensis*.

## O testemunho de Plínio

Plínio, IV, 35, 113 escreveu

*A Durio Lusitania incipit: Turduli ueteres, Paesuri, flumen Uagia, oppidum Talabrica, oppidum et flumen Aeminium, oppida Conimbriga, Collipo, Eburobrittium. Excurrit deinde in altum uasto cornu promunturium quod aliqui Artabrum appellauere, alii Magnum, multi Olisiponense ab oppido, terras, maria, caelum discriminans: illo finitur Hispaniae latus et a circuitu eius incipit frons.*

“A partir do Douro começa a Lusitânia. (Acham-se) os Túrdulos velhos, os Pesuros, o rio Vouga, o ópido de Talábriga, o ópido e o rio Emínio e os ópidos de Conímbriga, Colipo e Eburobrício. Depois entra pelo mar dentro, com uma extensa ponta, um promontório a que alguns chamam Ártabro, outros Magno e muitos, por causa do ópido, Olisiponense e que separa as terras, os mares e o céu. Com ele termina uma parte lateral da Hispânia e, depois de o dobrarmos, começa a parte frontal.”

Logo de seguida, em IV, 35, 114 Plínio diz:

*Septentrio hinc Oceanusque Gallicus, Occasos illinc Oceanusque Atlanticus. Promunturii excursum LX prodidere, alii XC, ad Pyrenaem inde non pauci / XII / L et ibi gentem Artabrum, quae nunquam fuit, manifesto errore; Arrotrebas enim, quos ante Celticum diximus promunturium, hoc in loco posuere litteris permutatis.*

“Deste lado fica o setentrião e o oceano Gálico, do lado de lá, o ocaso e o oceano Atlântico. Referiram alguns autores que o perímetro do promontório é de sessenta milhas, outros, que é de noventa e não são poucos os que dizem que daí aos Pirenéus são mil duzentas e cinquenta milhas e, erro evidente, que nele vive o povo dos Ártabros, que nunca existiu. De facto, colocaram neste lugar, trocando-lhe as letras, os Arrotrebas de que falámos antes do promontório Céltico.”

E, em IV, 35, 115, o Naturalista escreveu:

...ab eo [Tago] *CLX* promunturium Sacrum e media prope Hispaniae fronte prosilit.

“Distando dele [do Tejo] cento e sessenta milhas, ergue-se o promontório Sacro, aproximadamente a meio da parte frontal da Hispânia.”

O promontório a que Plínio se refere dizendo que uns lhe chamavam Ártabro, outros, Magno, e outros ainda, Olisiponense deve identificar-se com o cabo da Roca. Mas como é que se pode explicar que alguns tenham chamado Ártabro a esse promontório? Mais do que isso (ou para além disso), como explicar que Plínio tenha escrito que com esse cabo terminava uma parte lateral da Hispânia e começava a parte frontal?

Se considerarmos o cabo da Roca como extremo de uma parte lateral da Península Ibérica e o começo da sua parte frontal, teremos de aceitar, como representação cartográfica correspondente, a que foi proposta por Schulten (1959: 41, fig. 4) ou a de Berthelot [nossa Fig. 7].

Ora estas reconstituições parecem-nos muito dificilmente aceitáveis. Será que Agripa (ou o cartógrafo que trabalhou sob sua orientação) cometeu o grave erro de alinhar de oeste para leste (ou de sudoeste para nordeste) o litoral do cabo da Roca (*promunturium Magnum*) aos Pirenéus, ao mesmo tempo ignorando a esquina noroeste da Península Ibérica? Será que outros autores, que Plínio terá seguido, cometeram o erro de considerar o cabo da Roca como ponto de passagem do Atlântico ao oceano Gálico (isto é, ao mar Cantábrico)?

Parece-nos inaceitável que algum autor ou cartógrafo da Antiguidade tenha imaginado, para a Península Ibérica, a configuração e orientação propostas por Berthelot e Schulten. Os marinheiros, navegando da foz do Tejo para a Corunha, olhando tais mapas, não deixariam de dizer: “Que falsas são estas cartas!”

No extremo noroeste da Península Ibérica devem situar-se os *promunturia Artabrum*, *Celticum* e *Nerium* dos Antigos, ainda que a sua exacta identificação não seja fácil. Podemos mesmo duvidar se se trata de três, dois, ou mesmo de um só cabo com várias designações alternativas (TIR, *Hoja K-29: Porto*, s.v. *Artabris sinus*, *Artabrorum portus*, *Artabrum promuntorium*, *Celticum promuntorium*).

Um deste promontórios corresponde provavelmente ao que a cidade da Corunha hoje ocupa e no qual os Romanos ergueram um famoso farol (HAUSCHILD, 1976; HUTTER e HAUSCHILD, 1991). Talvez fosse o *Artrabum* dos Antigos. Nesse caso, o *Artabris sinus* de Pompónio Mela e o *Artaborum portus* de Estrabão e Ptolemeu corresponderiam às actuais rias da Corunha, de Betanzos, de Ares e de Ferrol, que confluem no Cantábrico. Por outro lado, a cidade da Corunha deve identificar-se com a antiga *Flavium Brigantium* (PÉREZ LOSADA, 2002: 109-140) e esta cidade é localizada por Ptolemeu, II, 6, 4 no *Megalos limen* (isto é, no *Magnus portus*). Parece-nos aceitável a hipótese de *Artaborum portus* ser designação alternativa de *Magnus portus* e de um dos cabos da área ser chamado *Artabrum* por uns e *Magnum* por outros.

Haveria assim, no extremo noroeste da Hispânia, um *promunturium Magnum* ou *Artabrum* e, na fachada ocidental, um *Magnum* ou *Olisiponensis*. Este último corresponderia ao actual cabo da Roca. O primeiro seria tomado pelos Antigos como o ponto de passagem do oceano Atlântico ao oceano Gálico. Plínio, confundindo os nomes (ou confundido pelos nomes), terá atribuído ao *Magnum* ou *Olisiponensis* essa posição de charneira dos dois oceanos.

O Naturalista dá, como *excursum* (isto é, extensão) do *promunturium* a que uns chamam *Artabrum*, outros, *Magnum* e muitos, *Olisiponensis*, 60.000 ou 90.000 passos, isto é 89 ou 133 quilómetros. Ora entre estas medidas cabe a distância da Corunha ao cabo Finisterra. Será que a extremidade noroeste da Península Ibérica era geralmente designada por *promunturium Artabrum* ou *Magnum*, sem prejuízo de outros nomes (como *Celticum* ou *Nerium*) para concretos e individualizados cabos que nessa extremidade se recortam?

É possível que, na Antiguidade, se imaginasse o extremo noroeste da Hispânia como uma projecção cuneiforme algo similar à que tem o extremo sudoeste no mapa de Ptolemeu. Tal configuração, aliás, surge ainda em mapas do séc. XVI. Assim se justificaria a comparação, feita por Estrabão III, 1, 3, da Hispânia com uma pele de boi: as duas extremidades (noroeste e sudoeste) corresponderiam às patas traseiras do boi. No caso de ter existido essa representação, ela achar-se-ia já corrigida em Ptolemeu, que situa o seu cabo *Nerium* claramente numa longitude bastante mais oriental que aquela que atribui ao seu *Sacrum* (= cabo de S. Vicente).

A ideia de que o *excursum* de 60 ou 90 milhas de Plínio se refere à extremidade noroeste da Hispânia parece-nos mais aceitável que a de fazer corresponder essa distância a toda a faixa costeira do cabo Carvoeiro (Peniche) à foz do Tejo ou ao cabo Espichel (GUERRA, 1995: 86). Não se entende, porém, a distância de 1250 milhas que Plínio regista entre o seu *Artabrum Magnum* ou *Olisiponensis* e os Pirenéus: do cabo da Roca aos Pirenéus não vai essa distância (de cerca de 1850 quilómetros) – e, muito menos, da Corunha aos Pirenéus.

Se admitirmos que, erradamente, Plínio atribuiu ao *Magnum* (= cabo da Roca) a posição de charneira entre os dois oceanos que era, afinal, a do *Magnum* (= *Artabrum*), ficará resolvida uma das dúvidas que o texto do Naturalista tem suscitado. Mas surge uma outra: a que deriva de Plínio, IV, 35, 115 declarar que o *Sacrum* ficava mais ou menos a meio da parte frontal da Hispânia. A “parte frontal” deve entender-se como a fachada ocidental da Península Ibérica. Ora essa fachada vai do cabo Touriñan (na Galiza) ao cabo de S. Vicente (no Algarve). Se o *Sacrum* era o cabo S. Vicente, como poderia ser localizado mais ou menos a meio da parte frontal da Hispânia?

Supondo que a representação cartográfica da Península Ibérica de Varrão, Agripa e Plínio não seria muito diferente da de Ptolemeu, facilmente poderemos aceitar que, para os Antigos, a face frontal iria do cabo Touriñan (ou da Corunha) às Colunas de Hércules (isto é, ao estreito de Gibraltar), tanto mais que este último ponto marcava a passagem do Atlântico ao Mediterrâneo. Dessa frente projectava-se, para ocidente (na representação dos Antigos), o *Promunturium Sacrum* (= cabo de S. Vicente) ou *ager Cuneus*.

Ora, se o cabo de S. Vicente não fica a meia distância de uma face frontal assim definida, essa é, sensivelmente, a posição do cabo da Roca.

Ptolemeu dá, para as Colunas de Hércules, a latitude de 36° 15' e, para *Flavium Brigantium* (= Corunha), 45°. Um paralelo mediano ficaria a 40° 37'. Ora o geógrafo situa o seu *Selenes oros, akron* (= cabo da Roca) a 40° 40'. Não podemos deixar de assinalar a coincidência, ainda que não possamos fazer demasiada fé nas coordenadas ptolemaicas. O problema não é, porém, o de saber se o cabo da Roca fica, efectivamente, a meio da fachada ocidental da Península Ibérica, mas se, para os Antigos, tendo em atenção a representação cartográfica que se faziam da Hispânia, o *Selenes oros, akron* ou *promunturium Magnum* (isto é, o actual cabo da Roca) poderia ser dito “aproximadamente a meio da parte frontal da Hispânia.” Ptolemeu concordaria, talvez, com essa afirmação. E se, como aqui propomos, a representação de Varrão, Agripa, Estrabão, Pompónio Mela e Plínio não seria muito diferente da de Ptolemeu, o cabo da Roca ficaria na posição mediana que Plínio, IV, 35, 115 atribui ao *Sacrum*. O *Sacrum* deste passo seria, pois, o cabo da Roca, assim chamado por alguns (talvez, entre eles, Varrão e Columela) e Plínio teria sido enganado pelo mesmo nome dado aos actuais cabos da Roca e de S. Vicente. Assim, é possível que o cabo da Roca, chamado *Magnum* por uns, *Olisiponensis* por outros, fosse chamado *Sacrum* por outros ainda. Confundido, Plínio terá dito, do *Sacro*, que distava 160 milhas do Tejo e se situava aproximadamente a meio da parte frontal da Hispânia. O cabo de S. Vicente dista, de facto, cerca de 160 milhas do Tejo, mas o *Sacro* que ficava, para os Antigos, a meio da parte frontal da Hispânia seria o *Sacrum* = cabo da Roca.

Por não querermos omitir dados relevantes para a discussão deste assunto, temos de recordar, porém, que Estrabão, III, 1,3 e III, 1,5 define como lado ocidental da Hispânia

(ou Ibéria) o que vai do promontório Sagrado ao Nério e como lado meridional o que se estende do Sacro aos Pirenéus.

### Onde ficavam, afinal, os promontórios Sacro e Cúneo?

No termo desta nossa revisão do que os autores antigos escreveram sobre os promontórios Sacro(s) e Cúneo, devemos concluir que nem o texto de Pompónio Mela nem o de Plínio nos permitem identificar o *Cuneus* com o cabo de Santa Maria (Faro). Parece, pelo contrário, que Pompónio Mela se refere a um *ager Cuneus* que deve identificar-se com toda a vasta região do Sudoeste peninsular, ao tempo imaginada ou representada como uma enorme “cunha”. Ficamos na dúvida sobre se o cabo de S. Vicente, remate dessa “cunha”, chamado *Sacrum* por diversos autores, foi chamado *Cuneus* por Mela.

Se o *Sacrum* de Plínio era o cabo de S. Vicente, o *Cuneus* do mesmo autor poderá corresponder à actual ponta de Sagres. Plínio distinguiria, pois, o cabo de S. Vicente e a ponta de Sagres. Estes promontórios parecem já diferenciados em Avieno: o cabo de S. Vicente seria o *Cyneticum* da *Ora Maritima* e a ponta de Sagres, as *cautes Sacra, Saturni*, do mesmo poema. Dado que o nome actual de Sagres deriva de *Sacris*, é possível que, em época tardo-romana, muçulmana ou medieval, o nome tenha sido transferido do actual cabo de S. Vicente para a ponta hoje chamada de Sagres.

É possível que o cabo da Roca, *Magnum* ou *Olisiponensis* em Plínio, tenha sido, por alguns, também chamado *Sacrum*.

O *Sacrum* de Pompónio Mela, extremidade setentrional de um “golfo” (*sinus*) que tinha sua ponta meridional no *Cuneus* – “golfo” no qual ficava *Salacia* –, parece corresponder ao *Barbarium* de Estrabão e Ptolemeu. Por não encontrarmos, nos autores antigos, nenhuma outra referência que confirme a designação de *Sacrum* para o cabo Espichel, é possível que se trate de erro de Pompónio Mela: este poderá ter-se equivocado e transferido o nome de *Sacrum* do cabo de S. Vicente para o cabo Espichel.

## Referências

- ALARCÃO, Jorge de, 1992: "Etnogeografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica", in ALMAGRO-GORBEA, M. e RUIZ ZAPATERO, G. (coords.), *Paleoetnologia de la Península Ibérica*, 2-3, Madrid, Universidad Complutense: 339-345.
- ALARCÃO, Jorge de, 2001: "Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 4(2): 293-349.
- ALMEIDA, Fernando de, 1964: *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, Junta Distrital.
- ALMEIDA, Justino Mendes de e PRESCOTT VICENTE, E., 1969: "A Lusitânia em Pompónio Mela (A propósito das edições "Teubner" estereotipadas)", *Ethnos*, Lisboa, 6: 9-26.
- ALONSO NUÑEZ, J. M., 1999: "La Turdetania de Estrabón", in ANDREOTTI, G. C. (coord.), *Estrabón e Iberia: nuevas perspectivas de estudio*, Málaga, Universidad.
- ALVES, Francisco; DIOGO, António M. D.; CARDOSO, J. P., 2001: "Considerações sobre os dois grandes cepos de âncoras em chumbo com alma de madeira, do século V-IV a.C., provenientes do ancoradouro natural da ilha Berlenga (Peniche) e sobre os achados de âncoras de «tipo púnico» em águas portuguesas", in *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa, Universidade Aberta: 239-260.
- AVIENO, R. F., *Ora Maritima*. Edições de A. BERTHELOT, Paris, 1934; A. SHULTEN, in F.H.A., I, Barcelona, Libreria Universitaria de A. Bosch, 1922; J. P. MURPHY, Chicago, Ares Publishers, 1977; J. R. FERREIRA, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992; J. MANGAS e D. PLÁCIDO, in *Testimonia Hispaniae Antiquae*, I, Madrid, Ediciones Historia 2000, 1994.
- BERGGREN, J. Lennart e JONES, Alexander, 2000: *Ptolemy's Geography. An annotated translation of the theoretical chapters*, Princeton e Oxford, Princeton University Press.
- BIERS, William R., 1988: *Mirobriga. Investigation at an Iron Age and Roman site in Southern Portugal by the University of Missouri – Columbia* (= BAR International Series, 451), Oxford.
- BLOT, Jean-Yves, 2000: "Elementos para a tonelagem dos navios na costa ibero-atlântica na antiguidade: o testemunho dos vestígios de âncoras (cepos em chumbo)", in "Terrenos" da *Arqueologia da Península Ibérica* (*Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III), Porto, ADECAP: 571-594.
- BLOT, Maria Luísa B. H. P., 2003: *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- CMP = *Carta Militar de Portugal, escala 1:25000*. Lisboa, Serviço Cartográfico do Exército.
- COELHO, António Borges, 1989: *Portugal na Espanha árabe. Vol. I. Geografia e Cultura*, Lisboa, Editorial Caminho.
- COLUMELA, *De Re Rustica*. Edição de E. S. FORSTER e E. H. HEFFNER, *On Agriculture*, Cambridge (Massachusetts) – Londres, William Heinemann, Ltd., 1954 (= Loeb Classical Library).
- DIOGO, António M. D., 2003: "Âncora romana de ferro proveniente das dragagens da foz do rio Arade", *Al-madan*, Almada, 2.ª série, 12: 190.
- FERNANDES, R. M. Rosado, 1983-1984: "O vento, as éguas da Lusitânia e os autores gregos e latinos", *Euphrosyne*, Lisboa, nova série, 12: 53-77.

F.H.A. = *Fontes Hispaniae Antiquae*.

GALLAZI, Claudio e KRAMER, Bärbel, 1988: "Artemidor im Zeichensaal. Eine Papyrusrolle mit Text, Landkarte und Skizzenbüchern aus spathellenistischer Zeit", *Archiv für Papyrusforschung und verwandte Gebiete*, Estugarda e Leipzig, 44(2): 189.

GARCIA QUINTELA, Marco V., 1999: "El sol que nace del mar y el Promontório Sacro", in *Pueblos y escrituras en la Hispania prerromana (Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas paleohispánicas)*. Salamanca. Ediciones Universidad: 233-241.

GAY, Jacques, 1997: *Six millénaires d'histoire des ancres*. Paris. Université de Paris-Sorbonne.

GOMES, Mário Varela, 2001: "Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica, no Sul de Portugal", in *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*, Lisboa, Universidade Aberta: 99-148.

GOMES, Mário Varela e SILVA, Carlos Tavares da, 1987: *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura.

GUERRA, Amílcar M. R., 1995: *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, Edições Colibri.

HAUSCHILD, Theodor, 1976: "Der römische Leuchtturm von La Coruña (Torre de Hércules)", *Madridrer Mitteilungen*, 17: 238-257.

HÜTTER, Siegfried e HAUSCHILD, 1991: *El faro romano de La Coruña*, Corunha, Ayuntamiento / Edicions do Castro.

MELA, Pompónio: *De Chorographia libri tres*. Edições de G. PARTHEY, Berlim, 1867; A. WEICHERT, Leipzig, 1816; G. RANSTRAND, Gotemburgo, 1971; C. FRICK, Estugarda, 1968 (reimpressão da edição de Leipzig, 1880); V. BEJARANO, Barcelona, 1987 (in F.H.A., VII).

MERCANTI, M. P., 1979: *Ancorae antiquae. Per una cronologia preliminare delle ancore del Mediterraneo*, Roma. "L'Erma" di Bretschneider.

MOREIRA, José Beleza, 2002. *A cidade romana de Eburonritium (Óbidos)*, Porto, Mímésis.

MORRISON, J. S.: *Greek and Roman oared warships, 399-30 a.C.*, Oxford, Oxbow Books.

*Olhar o mundo, ler o território. Uma viagem pelos mapas. Coleção Nabais Conde (coord. de António Campar et alii)*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos / Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras.

OLIVEIRA, Francisco de, 1997: "A Lusitânia pliniana", *Clássica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, 22: 207-222.

PÉREZ LOSADA, Fermín, 2002: *Entre a cidade e a aldeia. Estudo arqueológico-histórico dos "aglomerados secundários" romanos en Galicia*. Corunha, Museo Arqueológico e Histórico (= *Brigantium*, vol. 13).

*Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1960.

RIBEIRO, José Cardim, 1982-1983: "Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Cavdicvs", *Sintria*, I-II (1): 151-476.

RIBEIRO, José Cardim, 2002: "Soli aeterno Lunae. O santuário", in J. C. RIBEIRO (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*, Lisboa, Instituto Português de Museus: 235-239.

RIBEIRO, José Cardim, 2002: "Uma paisagem sagrada: o *promunturium Sacrum*", in J. C. RIBEIRO (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*, Lisboa, Instituto Português de Museus: 361-362.

RIBEIRO, Orlando, 1935: *A Arrábida. Esbôço geográfico*. Lisboa, Faculdade de Letras.

RIBEIRO, Orlando e LAUTENZACH, Hermann, 1987: *Geografia de Portugal I. A posição geográfica e o território* (comentários e actualização de Suzanne DAVEAU), Lisboa, Edições João Sá da Costa.

SALINAS DE FRIAS, M., 1988: "El Hieron Akroterion y la geografía religiosa del extremo occidente segun Estrabón", in *Actas del I Congreso Peninsular de Historia Antigua*, Santiago de Compostela, Universidad, II: 135-147.

SCHULTEN, Adolfo, 1959: *Geografía y etnografía antiguas de la Peninsula Ibérica*, I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia; CORREIA, Virgílio, 1990: "Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres)", in A. ALARCÃO e F. MAYET (coords.), *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Conimbriga, Museu Monográfico; Paris, Ed. Boccard: 225-246.

SILVA, Carlos Tavares da e SOARES, Joaquina, 1993: *Ilha do Pessegueiro – Porto romano da costa alentejana*. Lisboa, Instituto de Conservação da Natureza.

TEIXEIRA, S. B.; ANDRADE, C.; ALVES, F.; ROMARIZ, C., 1989: "Dinâmica morfológica das praias da barreira da "Ria Formosa" (Algarve – Portugal)", *Geólis*, 3 (1-2): 207-211.

TIR = *Tabula Imperii Romani, Hoja K-29: Porto*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

VARRÃO, *Re Rustica*. Edição de Ch. GUIRAUD, sob o título *Économie rurale*, Paris, Les Belles-Lettres, II, 1985.

VASCONCELOS, José Leite de, 1905: *Religiões da Lusitânia*, II. Lisboa, Imprensa Nacional.

VEIGA, Estácio da, 1910: "Antiguidades monumentais do Algarve", *O Archeólogo Português*, 15: 209-233.

WARMINGTON, 1969: PLINY, *Natural History, II (Libri III-VII)*, Cambridge (Massachusetts) – Londres, William Heinemann, Ltd., 1969 (= Loeb Classical Library).



FIG. 1. Carta da área de Faro, segundo CMP, 1:25000.

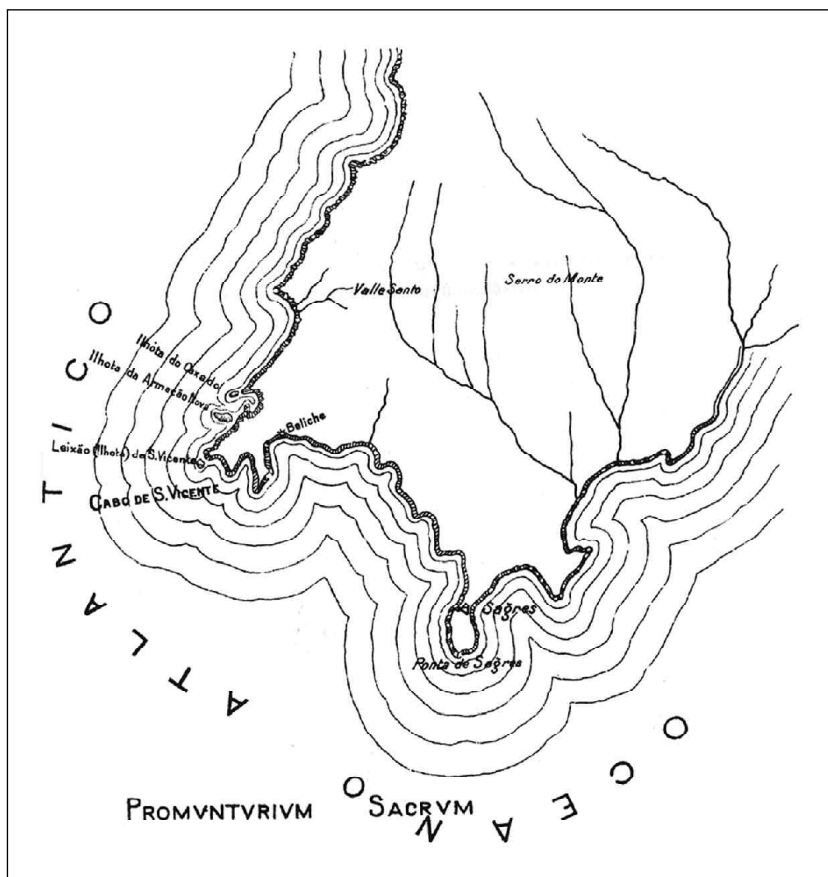


FIG. 2. Representação do extremo sudoeste do Algarve, segundo Leite de Vasconcelos.

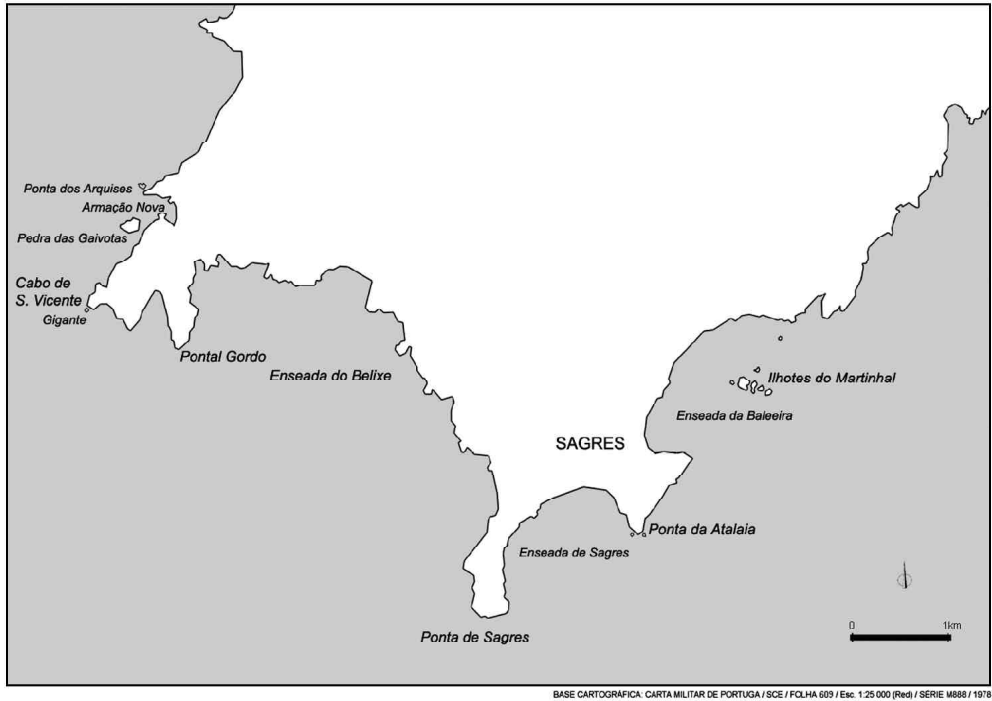


FIG. 3. Carta esquemática do extremo sudoeste do Algarve.

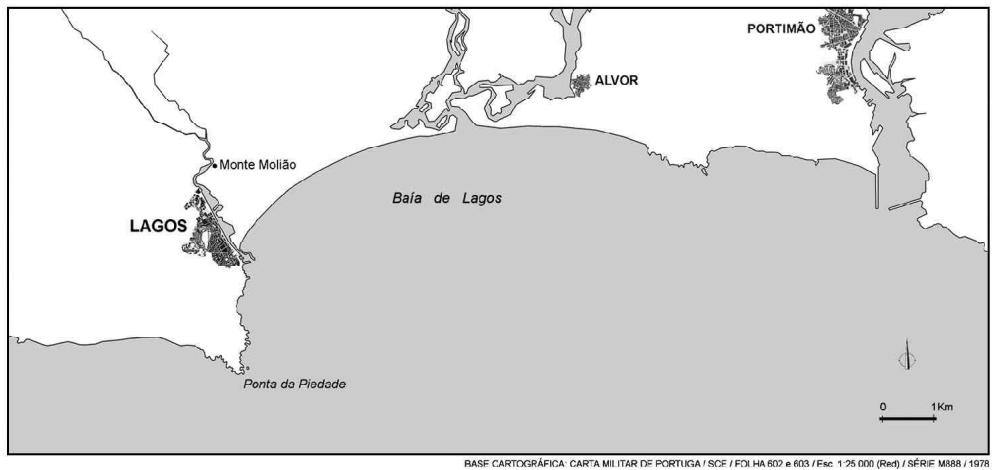


FIG. 4. Carta esquemática da área entre Lagos e Portimão.

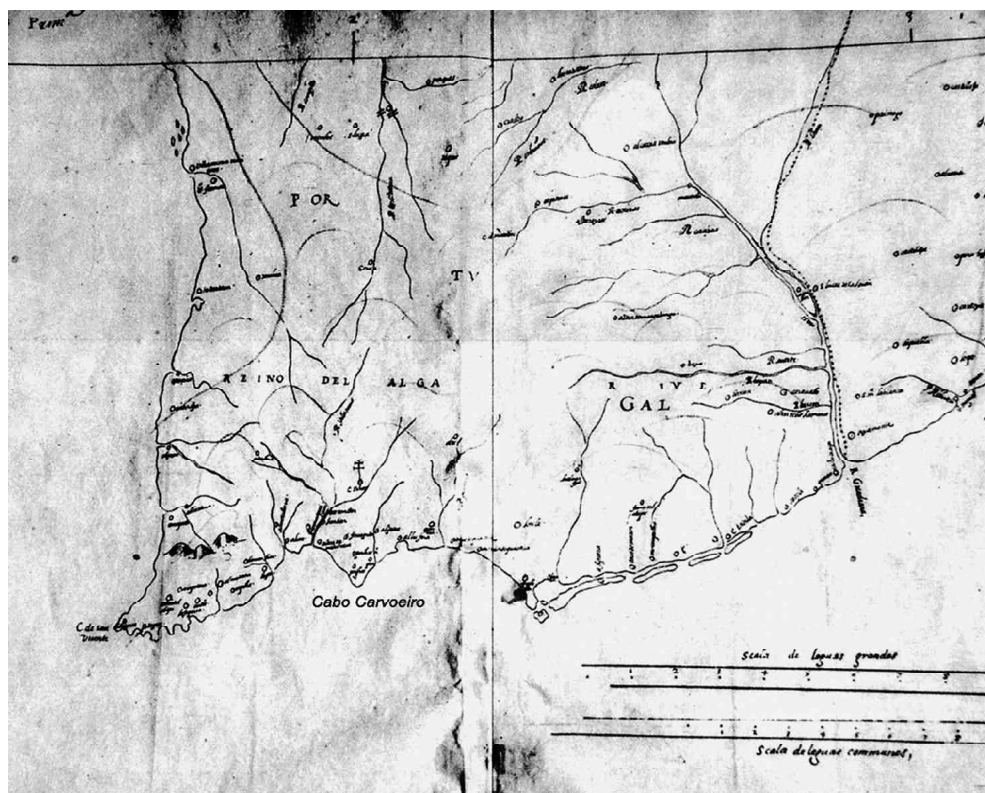


FIG. 5. Pormenor do extremo sul do Algarve segundo cartógrafo do séc. XVI (Fernando Álvares Seco?). Reproduzido de *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. II, Lisboa, 1987, est. 199.

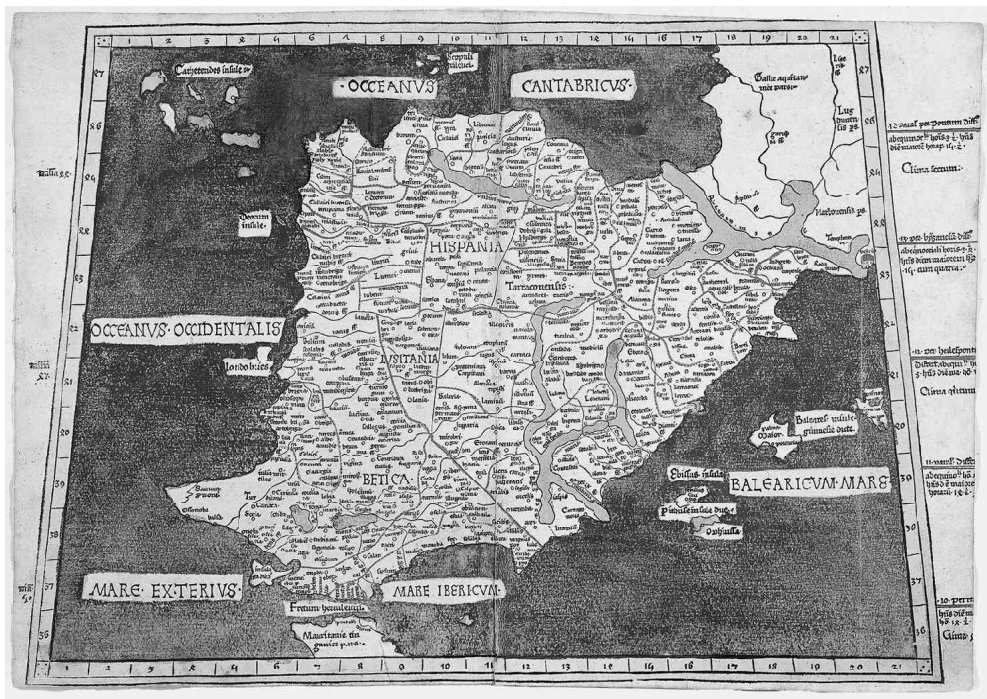


FIG. 6. Mapa da Península Ibérica segundo Ptolemeu.

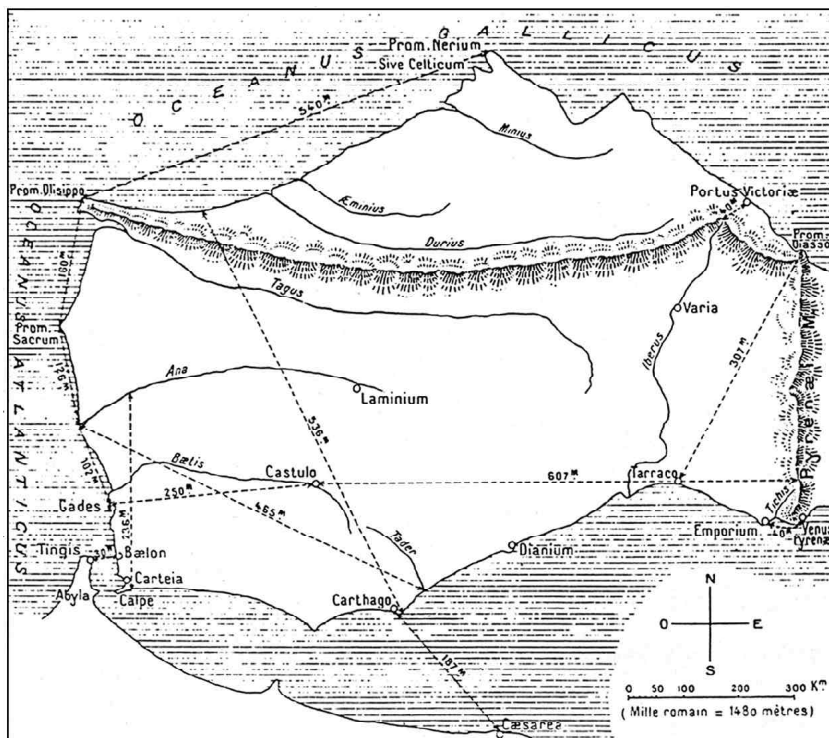


FIG. 7. Mapa de Agripa segundo Berthelot.

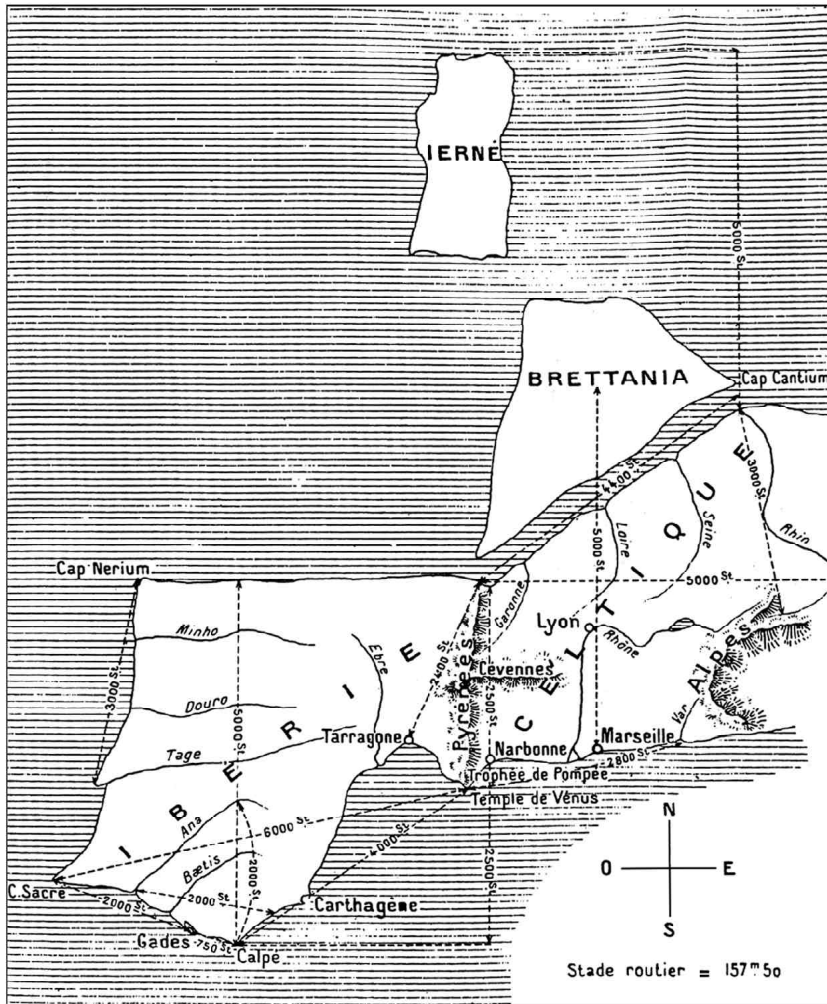


FIG. 8. Mapa do Ocidente da Europa, tal como Estrabão imaginaria (segundo Berthelot).

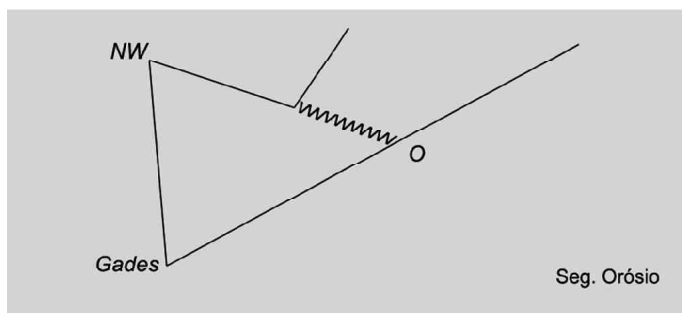
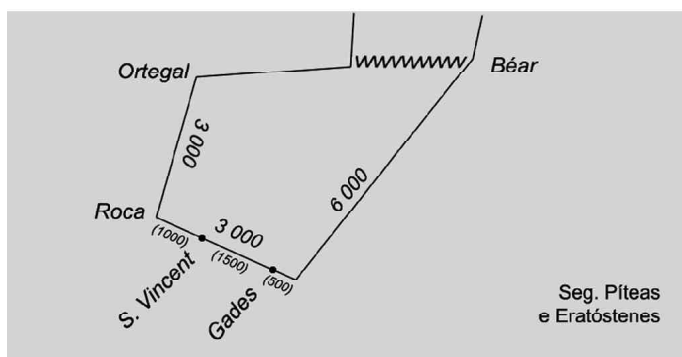
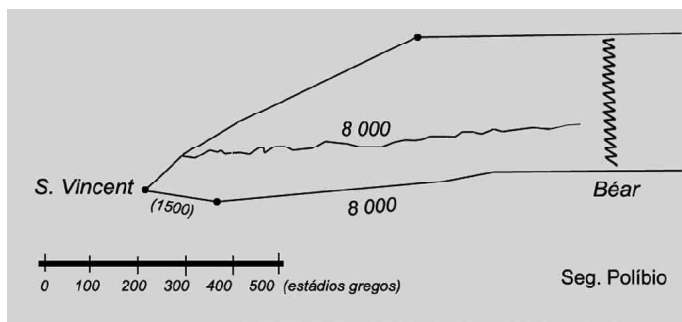


FIG. 9. Reconstituição, proposta por Schulten, da Península Ibérica como a representariam vários autores antigos.

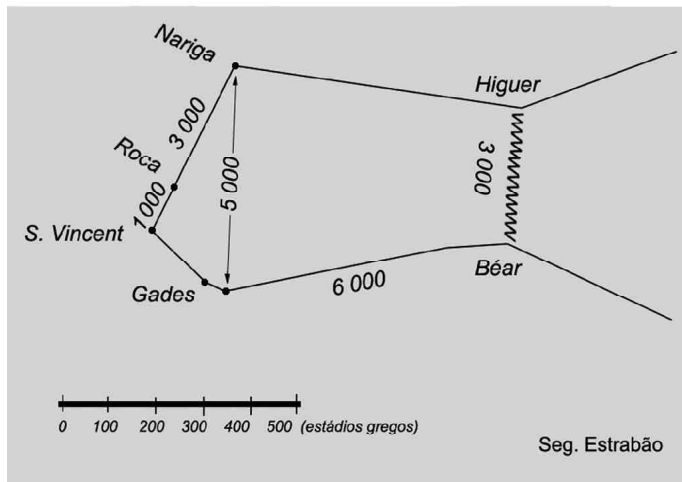
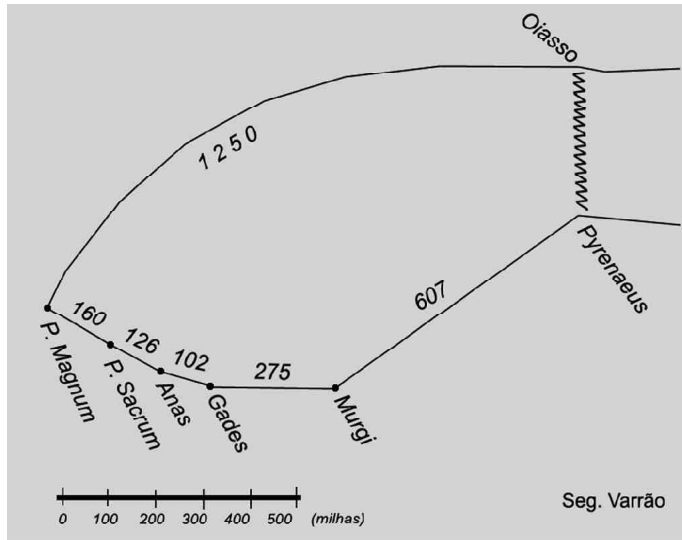


FIG. 10. Reconstituição, proposta por Schulten, da Península Ibérica como a representariam Varrão e Estrabão.

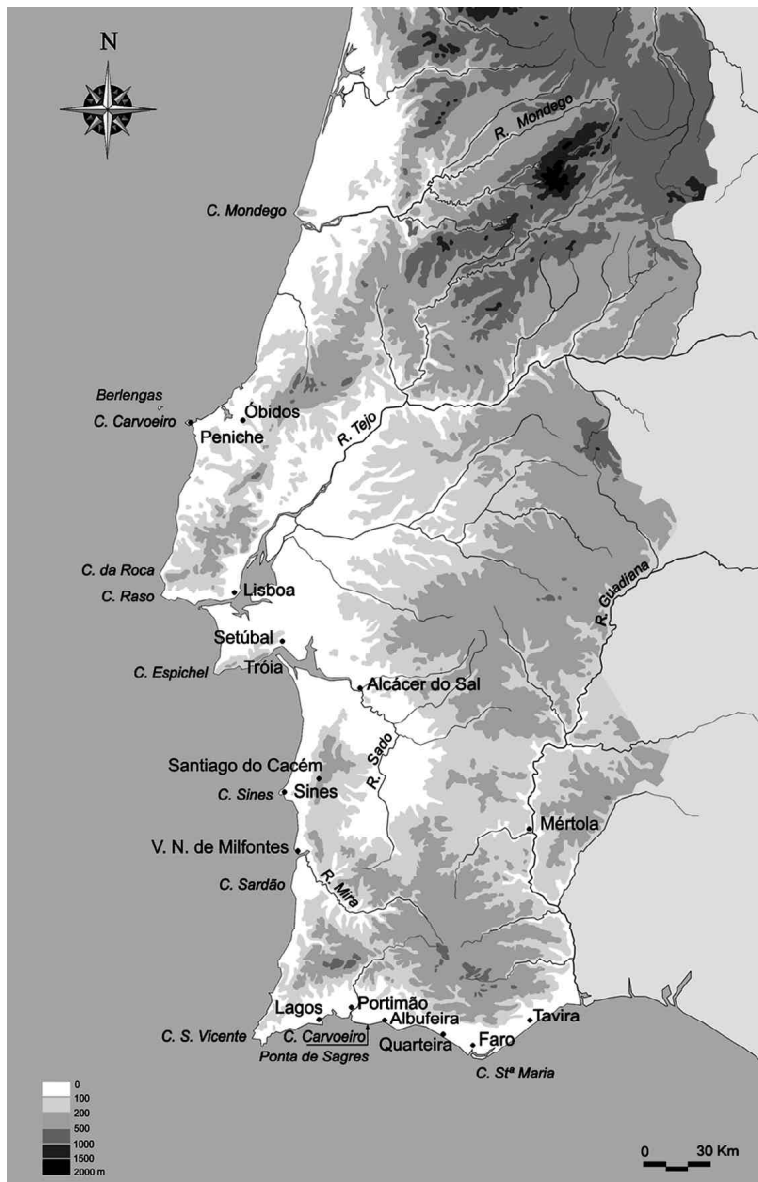


FIG. 11. Mapa de Portugal com localização de vários sítios referidos neste artigo.

